



Da esq. para a dir., os professores Carlos Vogt, Hermano Tavares, Fernando Costa, José Tadeu Jorge, Carlos Henrique de Brito Cruz e José Martins Filho: destacando a importância da universidade pública



O coordenador-geral da Unicamp, Alvaro Crósta: "Desde os primórdios da história, a Unicamp soube selecionar muito bem seus funcionários, docentes e alunos"



A professora Itala Maria Loffredo D'Ottaviano, presidente da Comissão Unicamp ano 50: "Não conheço outra universidade que tenha um evento com essas características"



Edison Lins, coordenador do Simtec e do GGBS: "Sem dúvida, os funcionários têm cada vez mais importância estratégica dentro dos deslins da Universidade"

Simtec promove encontro histórico entre reitores

Seis dirigentes de diferentes períodos falaram sobre memórias e trajetórias profissionais na abertura do Simpósio

MANUEL ALVES FILHO
manuel@reitoria.unicamp.br

Um encontro histórico entre seis reitores de diferentes períodos da Unicamp marcou a cerimônia de abertura do VI Simpósio de Profissionais da Unicamp (Simtec), ocorrida na noite do último dia 26, no Centro de Convenções da Universidade. Participaram da solenidade o atual reitor José Tadeu Jorge e os reitores Carlos Vogt (1990-1994), José Martins Filho (1994-1998), Hermano Tavares (1998-2002), Carlos Henrique de Brito Cruz (2002-2005) e Fernando Costa (2009-2013). Eles deram depoimentos sobre a história da instituição, a partir do tema "Unicamp 50 anos – Memórias, experiências e trajetórias profissionais".

Além de falarem sobre vários episódios que marcaram a história da Unicamp e de suas gestões, os reitores também destacaram a importância da universidade pública, gratuita e de qualidade para o desenvolvimento do Brasil. No caso específico da Unicamp, pontuaram, a excelência que caracteriza as atividades de ensino, pesquisa e extensão da Universidade somente foi alcançada graças à qualidade e ao empenho de funcionários, professores e estudantes.

Os reitores enfatizaram, ainda, a importância do Simtec, evento que congrega os funcionários do quadro técnico-administrativo e que divulga os projetos que eles concebem e executam para aperfeiçoar as atividades da instituição. "A qualidade que a Unicamp ostenta hoje foi construída com base nas pessoas: professores, funcionários e estudantes. Para construir a melhor universidade do Brasil é preciso contar com os melhores quadros nesses segmentos", afirmou o reitor José Tadeu Jorge. De acordo com ele, o Simtec, que é organizado por funcionários, é representativo da qualidade desse segmento.

Tadeu Jorge se considerou um feliz por ter vivenciado 45 dos 50 anos da Unicamp, primeiro como estudante e depois como docente. "Inúmeros episódios que marcam minha vida têm estreita relação com a trajetória da Universidade. Eu me sinto parte da comemoração e me sinto representado em boa parte dessas memórias. Que possamos usar as estruturas que construímos até aqui para ancorar os projetos de qualidade que a Unicamp terá que executar pelos próximos 50 anos ou mais".

Reitor da Unicamp no período de 1990 a 1994, Carlos Vogt disse que o quadro técnico-administrativo da Universidade sempre desempenhou um papel chave no desenvolvimento da instituição. "Na minha gestão, quando implantei as carreiras, foi justamente pensando na importância dessas atividades para o cumprimento das missões da Unicamp, que é ensinar, pesquisar e fazer extensão". Outro ponto destacado por Vogt foi o estabelecimento, durante sua gestão como reitor, das bases para a institucionalização da Universi-

dade, projeto que ganhou solidez com o advento da autonomia universitária, conquistada em 1989.

José Martins Filho, reitor entre 1994 e 1998, observou que teve algumas atitudes à frente da Administração Central que foram fundamentais para valorizar os funcionários. "Foi na nossa gestão que criamos, por exemplo, o CAF [Centro de Apoio aos Funcionários]. A Unicamp é formada por um conjunto de pessoas. Sem funcionários qualificados não conseguiríamos atingir nossos objetivos de ensinar,

de pesquisar e de produzir conhecimento. Os servidores não docentes constituem parcela importante para a concretização dessas missões", reforçou.

Hermano Tavares, que ocupou a Reitoria nos anos de 1998 a 2002, declarou que a universidade é capital para o desenvolvimento de um país. "Infelizmente, aqui no Brasil nós iniciamos um movimento de educação em geral e educação superior em particular muito tarde. A Unicamp é uma das universidades brasileiras que têm resultados importantes a exibir, embora seja

jovem. Isso não foi feito pela ação de uma ou outra pessoa isoladamente, mas de um conjunto formado por servidores docentes, servidores não docentes e estudantes".

Na visão de Hermano Tavares, a despeito de o Brasil e da Unicamp terem atravessado tempos difíceis recentemente, há espaço para que a Universidade continue avançando e contribua para oferecer um futuro melhor ao país. "É impossível prever como a Unicamp será daqui a 50 anos. Mas penso que devemos ter sempre a capacidade de estar na vanguarda ou pelo me-

nos acompanhar a vanguarda. Estrutura e recursos humanos para isso nós temos".

Atual diretor científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), Carlos Henrique de Brito Cruz, reitor no período de 2002 a 2005, lembrou que a Unicamp é um dos grandes exemplos disponíveis para a defesa da universidade pública e gratuita no Brasil. "A Unicamp tem cumprido uma trajetória muito especial, baseada no fato de a sua comunidade valorizar muito o mérito, as qualidades acadêmicas e as relações com a

sociedade. Toda a comunidade é muito importante para o desenvolvimento da Universidade. Em particular, os funcionários não docentes têm sido essenciais ao desenvolvimento da instituição. O Simtec é uma iniciativa importante porque possibilita a discussão de temas relevantes para o segmento e para a Universidade de modo geral", afirmou.

Fernando Costa, reitor entre os anos de 2009 a 2013, considerou igualmente que o Simtec é revelador da importância dos funcionários para o desenvolvimento da

Unicamp. "E a Unicamp é fundamental ao desenvolvimento do país. A Universidade somente conseguiu chegar ao patamar onde se encontra porque sempre primou por selecionar os melhores docentes, os melhores funcionários e os melhores alunos. Somos uma Universidade jovem. Entre as universidades jovens, nós nos destacamos tanto no plano nacional quanto internacional. Penso que a Unicamp só tem a crescer daqui para frente".

Para o atual coordenador-geral da Unicamp, Alvaro Crósta, a história de sucesso da Universidade deve muito ao seu corpo de funcionários. Uma universidade de ponta como a Unicamp, segundo ele, não poderia atingir o status atual se não fosse o comprometimento de toda a sua comunidade interna. "O Simtec é uma forma de valorizar e dar o devido crédito àqueles que trabalham com o desenvolvimento técnico e científico da Universidade, tanto em atividades de apoio quanto nas atividades fim. Desde os primórdios da história, a Unicamp soube selecionar muito bem seus funcionários, docentes e alunos", pontuou.

Presidente da Comissão Unicamp ano 50, a professora Itala Maria Loffredo D'Ottaviano disse que a inclusão do VI Simtec nas ações em comemoração ao cinquentenário da Universidade estava prevista desde o início, por causa da relevância do evento para a instituição. "O Simtec nasceu como um evento original e importante para a Universidade. É uma iniciativa que tem característica especial, visto que conta com a apresentação de trabalhos com muita originalidade e qualidade científica. São trabalhos importantes porque contribuem para o aperfeiçoamento das atividades de vários setores da Unicamp. Não conheço outra universidade que tenha um evento com essas características".

Coordenador do Grupo Gestor de Benefícios Sociais e também do Simtec, Edison Lins classificou a cerimônia de abertura do simpósio como um momento histórico, por reunir seis reitores de diferentes períodos. "É um momento que marca o reconhecimento ao Simtec. Trata-se de uma importante validação institucional. Sem dúvida, os funcionários têm cada vez mais importância estratégica dentro dos destinos da Universidade. Aliás, este entendimento foi que norteou a criação do simpósio, em 1997".

PATRICIA LAURETTI
patricia.laurettil@reitoria.unicamp.br

A universidade é um espaço de conhecimento, utopia e democracia, que enfrenta, com o avanço de tendências conservadoras na sociedade, um crescente número de inimigos. "Nunca a universidade teve tantos inimigos políticos como nesse momento, e tudo leva a crer que essa guinada conservadora vá se estender por vários anos. O 'lado bom' disso é que, com tanta gente nos olhando e criticando, teremos que ser melhores. É hora de a gente dar uma resposta muito eficaz e mostrar o valor de uma grande universidade pública", afirmou o historiador Leandro Karnal, convidado da sexta edição do Simpósio de Profissionais da Unicamp (Simtec).

Professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, Karnal palestrou no último dia 27, no Centro de Convenções da Unicamp. Fez uma reflexão sobre o tempo e sobre a história, tendo como pano de fundo os cinquenta anos da Unicamp. O professor começou falando do prazer de estar na "sua" universidade. Passado, presente e futuro da instituição foram objeto de muitas colocações de Karnal que, com bom humor, a todo momento trouxe o debate para o cotidiano das pessoas.

O historiador começou a palestra falando sobre a origem da Universidade. "Somos uma instituição da década de 60, gerida a partir de uma área médico-biológica. A Unicamp foi idealizada num regime democrático, num ambiente de reformas de educação muito importantes, período de leis e propostas educacionais revolucionárias, mas sendo fundada já sob o signo do fechamento, do autoritarismo do fim das liberdades democráticas".

Segundo Karnal, a Unicamp começa "exatamente como ela está hoje", num momento de polarizações e crise econômica, com a diferença de estar afastada dos centros onde a agitação maior ocorria. Há uma mudança significativa no país neste momento, que é a passagem de uma população predominantemente rural para as cidades. "A Unicamp vive esse momento de transição que vai resultar na diminuição de filhos por casal e diminuição do ritmo de crescimento do País".

A partir dessa mudança, Karnal passou a falar das gerações de alunos que frequentam a instituição. "A primeira delas, de nascidos após a Segunda Guerra, até 1964, geração do *baby boomer*, que viveu uma esperança enorme de desenvolvimento nos anos JK". Esta geração foi educada tendo o trabalho "quase como uma obsessão" e viveu no Brasil um momento de estabilidade e de crescimento econômico. Depois veio a "geração X", de nascidos até os anos 1970, "muito mais individualista e acostumada a benefícios", seguida da "geração Y", de nascidos até o início do século 21 e já plenamente tecnológica, voltada à conexão.

Entre o modelo de ensino que receberam e a que está acostumada boa parte dos professores da "geração *baby boomer*" e a "geração Y", há um hiato de três séculos como explicou o professor. "É o caso de professores nascidos e, quase sempre, educados como eu, no século 20, dando aulas para alunos nascidos no século 21, alguns deles preparados para atuar no século 22". De acordo com Karnal, as escolas são baseadas num modelo de pedagogia que determina uma aula formada por giz, professor e conteúdo a ser aprendido, tendo a ordem como eixo. O problema desse hiato de três séculos, afirmou, é que hoje "temos professores que ainda anseiam pela ordem e pelo conteúdo, e alunos que não estão mais aptos ao modelo de aula expositiva".

ÁREAS DO CONHECIMENTO

Para Karnal, um dos desafios que a universidade enfrenta hoje é a perda do diálogo entre as



O professor e historiador Leandro Karnal: "Nunca a universidade teve tantos inimigos políticos como nesse momento"

várias áreas do conhecimento. "A origem da Unicamp é a área médica, mas naturalmente, como todo instituto superior, ela tem um debate permanente entre as três áreas – humanas, exatas e biológicas. Uma universidade é concebida para ser um contato entre áreas diversas de conhecimento, por isso é uma universidade e não uma faculdade".

O historiador lembrou que, na Idade Média, quando se concebeu "que as três grandes áreas do período histórico – medicina, direito e teologia – deveriam compartilhar o mesmo espaço, foi porque se achava que aos médicos seria importante ouvir sobre leis e teologia e seria importante, aos

teólogos, ouvir sobre medicina e sobre leis, e seria importante a todos integrarem o sistema".

O historiador lamentou que a universidade esteja perdendo isso porque, em geral, ressaltou, "nós convivemos com colegas de outras áreas em decisões burocráticas, não em produção de conhecimento", e "o mundo contemporâneo exige essa integração, gente que tenha uma especialidade, mas que navegue por várias áreas". Karnal complementou, exemplificando: "falta a nós historiadores, filósofos, antropólogos e cientistas políticos, um pouco da objetividade da engenharia e falta, aos engenheiros, um pouco da subjetividade da área de humanas; acho que os dois lados cresceriam muito".

PESSIMISMO

O presente, observa o docente, dominado pela crise econômica e política, é marcado pelo pessimismo. "O pessimismo dominante é a marca do momento que estamos vivendo", observou. O professor sintetizou que "uma parte importante do país está convencida que a outra parte é criminoso e não serve ao bem do país. Uma parte importante do país não reconhece, na outra parte, o estatuto da brasilidade ou da cidadania". Muitas pessoas, nesse momento, não estão mais ouvindo ninguém, "apenas estão colocando seu ódio".

O problema é que, de acordo com o professor, o pessimista não age. Ele é parte do problema, mas não de sua solução. Foi nas Olimpíadas e Paralimpíadas, quando todos achavam que tudo ia dar errado e deu certo, que Karnal afirmou ter "começado a notar" que estava excessivamente pessimista, talvez influenciado por textos das redes sociais. "É preciso usar as redes homeopaticamente, é preciso restaurar o equilíbrio da discussão, do argumento, de vida. Decididamente está faltando equilíbrio às pessoas em quase todos os campos".

FUTURO

Na trajetória para os próximos cinquenta anos de Unicamp, o professor arriscou um exercício de "futurologia". O cenário futuro é de declínio da população brasileira. Em 30 anos, o Brasil pode se tornar um país similar à Europa na quantidade de pessoas mais velhas recebendo aposentadoria, enquanto há menos jovens em idade de trabalhar.

Isso significa que, nas próximas três décadas, a Unicamp ainda estará recebendo muitos alunos. Depois, a hipótese é de que o número de ingressantes na graduação diminuirá. "Pode ser que haja um recolhimento das universidades, que, a partir dos anos 80, se expandiram enormemente".

Neste cenário, com mais pessoas mais velhas, aumentará a procura por qualificação. "Deveríamos pensar em muitos cursos de qualificação, cursos a

distância e voltados a profissionais já formados", salientou.

Para chegar bem no futuro ele considera que a instituição não pode se deixar levar por seu sucesso e precisa pensar estrategicamente. "O fato de sermos produtivos, de estarmos entre os melhores do país, de sermos uma referência, é nosso problema hoje", refletiu. Karnal defendeu a lei das cotas raciais, e afirmou ter visto alunos negros em cursos de Medicina, o que lhe pareceu o início da superação de um problema.

O historiador disse ainda que a Universidade precisa aumentar sua visibilidade. "Isso é fundamental para que as pessoas entendam que a ciência brasileira depende exclusivamente das universidades públicas, ou dos laboratórios públicos. A ciência brasileira não cresce nas instituições privadas. A pesquisa, os avanços que melhoram a vida das pessoas, as patentes, tudo sai da universidade pública".

Aumentar a visibilidade da instituição é um desafio assim como a internacionalização. Karnal defendeu que a Unicamp precisa estar cada vez mais focada no mundo, falando inglês mas, sobretudo, a serviço do conhecimento. "Minha existência aqui é irrelevante. A universidade deve ser um espaço do conhecimento, e eu, um professor; os funcionários, todos nós, servimos a causa do conhecimento".

O professor terminou a palestra falando que a universidade é um laboratório da democracia, um espaço onde o autoritarismo deve ser especialmente combatido. "Num mundo de crescentes radicalizações antidemocráticas, a universidade tem que reforçar a democracia, o espaço de trabalho, nas congregações, nos conselhos universitários e assim por diante". E também precisa ser um espaço de utopia. "Não sei onde nós estaremos no futuro, mas sei onde eu gostaria que nós estivéssemos, nesse patamar da utopia. Quanto mais ela existir, melhor".